

O fim do porto do cimento e a inauguração da Orla Taumanan nos jornais impressos de Boa Vista-RR¹

Francisco Guimarães COSTA JÚNIOR²

Luís Francisco MUNARO³

Universidade Federal de Roraima

Resumo: Este artigo é pesquisa documental nas edições de julho de 2004 dos jornais *Folha de Boa Vista* e *Brasil Norte*, cuja impressão e circulação acontece em Boa Vista-RR. Seu objetivo é investigar como a imprensa local tratou a notícia do fim do Porto do Cimento e da inauguração da Orla Taumanan. Antes, foi necessário apresentar a história da orla e evidenciar informações teóricas sobre o discurso e o silenciamento. A análise foi feita com base na contabilização das notícias sobre a orla e o enfoque dado a elas pelos comentaristas nos jornais supracitados.

Palavras-chave: Orla Taumanan; Porto do Cimento; Jornalismo cultural; Patrimônio Histórico; Roraima.

A Orla Taumanan é um cartão postal de Boa Vista - RR. Antes dela, no mesmo local, havia o Porto do Cimento, principal entrada dos meios de transporte fluviais no curso superior do Rio Branco. Antes de sua supressão, o Porto de Cimento era considerado um dos patrimônios culturais da cidade, assim como os históricos Casa de Petita Brasil, a Catedral Cristo Redentor, o monumento do Garimpeiro, o demolido Hospital Nossa Senhora de Fátima, entre outros. Esses itens, repositórios da memória histórica de Boa Vista, são fundamentais para a compreensão da identidade do povo boa-vistense.

A construção da estrutura denominada Orla, assim, se sobrepôs ao antigo Porto do Cimento. Este patrimônio cultural foi destruído em virtude da nova delimitação da arquitetura municipal à margem do Rio Branco. Nesse caso, o progresso e a preservação da identidade histórica entraram em conflito sem que a população fosse capaz de perceber. No mesmo período da inauguração, muito embora a Orla tenha recebido atenção dos veículos impressos da cidade, a demolição do Porto do Cimento foi tratada de forma silenciosa. Além disso, não houve qualquer pesquisa relacionada à situação no que diz respeito ao levantamento de dados históricos sobre a questão patrimonial.

A proposta deste artigo é investigar a cobertura feita nos jornais impressos locais sobre a revitalização da Orla, percebendo as menções ao Porto de Cimento, ou então a

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do V Encontro Regional Norte de História da Mídia.

² Jornalista formado pela Universidade Federal de Roraima. Email: jr.guimaraes@yahoo.com.br

³ Professor doutor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRR. Email: luismunaro@ufr.br

exclusão dessa pauta dos veículos noticiosos - considerando sua importância para a economia local até aquele momento e como símbolo histórico de Boa Vista. Devemos refletir, nesse sentido, sobre o confronto entre progresso e preservação e qual a relevância do papel da mídia nesse processo. A pergunta que margeará essa discussão: na cobertura jornalística existiu conflito entre a Orla Taumanan, enquanto espaço de entretenimento e referência de progresso, e o Porto do Cimento enquanto memória e símbolo de patrimônio histórico? E, sobretudo, por que a mídia silenciou em relação a esse conflito?

A Orla Taumanan foi construída em julho de 2004 e é um ponto turístico do município tido como referência pelos habitantes de Boa Vista. A mídia impressa local, contudo, não se manifestou em relação ao fim do Porto, que foi um importante ponto de escoamento comercial do município durante mais de um século, além de servir de atracadouro para atividades pesqueiras e outras atividades comunitárias. Por outro lado, pode-se aventar a hipótese de que houve, na mídia impressa local, alguma referência à destruição do patrimônio histórico, ficando esta cingida a umas poucas páginas ou então a colunas de especialistas.

O objeto deste estudo são os jornais *Folha de Boa Vista* e *Brasil Norte*, tomando o mês de julho de 2004 como referência - em virtude da inauguração da Orla Taumanan ter acontecido neste período. Para isso foi necessário, como objetivo secundário, identificar técnicas de análise que trabalhem com discurso e silêncio; estudar mais profundamente a estrutura dos jornais *Folha de Boa Vista* e *Brasil Norte*; localizar nos jornais as notícias sobre a orla e investigar os possíveis motivos da falta de divulgação na mídia impressa local do fim do Porto do Cimento.

A metodologia de investigação foi baseada na pesquisa documental, bibliográfica e com abordagem qualitativa, tomando de empréstimo ferramentas da Análise do Discurso para a identificação dos silêncios, uma vez mapeado o *corpus* documental. De forma complementar, foram elaboradas entrevistas com indivíduos relacionados aos tópicos supracitados que testemunharam a existência do Porto do Cimento, para fornecer estofos históricos para o estudo, trazendo a lume o porto de Cimento e um pouco de sua memória.

1. Da Orla Taumanan

A Orla Taumanan é um píer (passarela sobre águas) de concreto de 6.500 metros quadrados, composta por pilares e duas plataformas, chamadas de Meremê (que significa

arco-íris) e Weiquepá (que quer dizer “nascer do sol”, no idioma Macuxi). O próprio nome da Orla, Taumanan, também é uma homenagem aos índios Macuxis e significa “paz”. A estrutura foi inaugurada em 02 de julho de 2004, durante a administração municipal de Teresa Surita, enquanto o Estado era governado por Francisco Flamarion Portela.

Segundo a moradora de Boa Vista Luiza Carmem Brasil, mais conhecida como Petita Brasil (cuja casa é um patrimônio histórico do Município), em uma entrevista concedida em 16 de agosto de 2016, o local se chamava Porto da Intendência, mas depois que foi construída uma superfície de cimento, ficou conhecido como Porto do Cimento.

FIGURA 1: Porto do Cimento



Fonte: Arquivos do IPHAN – RR (Disponível na página <<http://educacaopatrimonial-boavistaroraima.blogspot.com.br/2014/01/porto-de-cimento.html>>.)

Petita Brasil sugere a importância histórica do Porto do Cimento mencionando que, neste local, chegou, por exemplo, Inácio Lopes de Magalhães, fundador da Fazenda Boa Vista (futura cidade de Boa Vista) em 1830, assim como Capitão Ene Garcez, primeiro governador do Território de Roraima (BRASIL, 2016). O Porto era local de escoamento comercial e chegada de embarcações, dando ao Rio Branco grande importância estratégica. Este porto serviu como meio de acesso à Boa Vista e, através dele, iniciou-se o povoamento da cidade. Segundo a servidora pública municipal Clotilde Siqueira, os moradores próximos também usavam o rio para higiene e participavam da procissão de São Pedro que só ocorria

neste local (SIQUEIRA, 2016). Com a construção da Orla Taumanan em 2004, o cenário que margeava o Rio Branco se modificou. O Porto do Cimento, antes a céu aberto, ficou abaixo da plataforma Weiquepá. Hoje, lá podem atracar somente embarcações pequenas como canoas.

FIGURA 2: Plataforma Weiquepá da Orla Taumanan



Autoria: Francisco Guimarães Costa Junior

A prefeita Teresa Jucá contou para a imprensa, na época, que a Orla deveria “(...) ampliar a convivência da população com o Rio Branco, além de representar novo e importante investimento para viabilizar o turismo como atividade econômica” na cidade (*FOLHA DE BOA VISTA*, 01 de julho de 2004, p. 11). De fato, atualmente a Orla é um dos principais pontos turísticos da cidade e, mesmo doze anos depois, continua bastante frequentada pela população. Brito e Valadares (2009, p. 80) afirmam que no caso da Orla Taumanan existe um curioso híbrido entre naturalismo e artificialismo patrocinado pela política, no qual, para celebrar a natureza, acabou-se interferindo nela. Os autores também ressaltam que, para que não houvesse separação entre rio e cidade, foram incorporados elementos regionais ao monumento, como por exemplo a designação dos nomes das plataformas da Orla remetendo-os a palavras do idioma Macuxi, etnia indígena predominante no Estado de Roraima.

O primeiro veículo de comunicação impresso a realizar a cobertura jornalística da inauguração da Orla Taumanan foi a *Folha de Boa Vista*. O jornal publicou a primeira matéria logo no primeiro dia do mês de julho, véspera da inauguração, com possível material de assessoria de imprensa. No dia seguinte, foi a vez do *Brasil Norte*. A partir daí os dois jornais apresentaram várias notas sobre a transformação do local ao longo do mês.

Entretanto, abordar a Orla enquanto ponto turístico, como fizeram os dois jornais analisados, não se mostrou suficiente. No caso da Orla, uma apresentação jornalística completa deveria mencionar aspectos culturais e históricos ignorados, visto que o berço histórico da cidade de Boa Vista foi modificado. As constatações dessas transformações não precisariam estar nas matérias que versavam sobre a inauguração da Orla, mas poderiam ser tratadas em matéria fria na mesma edição da publicação. Não aconteceu exatamente assim.

O papel histórico do Porto foi tratado apenas pelo jornal *Folha de Boa Vista*, na edição de comemoração de 114 anos da capital roraimense. Nesse período foi realizada uma série de reportagens especiais relacionados ao tema. O *Brasil Norte* apenas abordou a questão da inauguração em si.

2. Sobre o silenciamento e o discurso

Um aspecto importante da veiculação da notícia é o modo como o jornal trabalha seu discurso de silêncio. Descobrir o que não foi dito é um desafio que requer muita atenção ao que já foi dito e como foi dito. O fato de não veicular algum fato que está nas entrelinhas da matéria se torna interessante quando analisamos o contexto, como sugere Orlandi:

O subentendido depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito. Essa teoria – a da semântica argumentativa – desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se (ORLANDI, 2002, p. 82).

Nem tudo que não está explícito no conteúdo está, necessariamente, implícito. Segundo a mesma autora, o que deve ser analisado é somente o não-dito relevante para aquela situação significativa (ORLANDI, 2002). Ou seja, não basta não identificar palavras expositivas de uma ideia para dizer que esta mesma ideia está lá no texto, de forma subliminar. Tudo depende do universo em que se encontra o discurso. Veículo de comunicação, público-alvo e momento político são alguns dos itens a serem analisados

durante o desbravamento do conjunto de palavras, os sentidos nelas e a possibilidade da presença de mensagens subliminares (PINHEIRO, 2009, p. 1).

Outra coisa que contribui para o silenciamento relacionado a novos elementos que substituem valores antigos: a própria efemeridade da notícia. A velocidade jornalística exige que o profissional busque sempre a atualidade, o imediato. Portanto, não há margem para dissertar sobre eventos passados, a menos que algum elemento novo resgate a necessidade de falar sobre o passado, para que entendamos essa atualização. Charaudeau (2007, p. 134), de forma complementar, afirma que há um desfile de notícias no jornal em que uma elimina a outra de acordo com preferências, os critérios de noticiabilidade. A atualização de notícias nas páginas de jornais é uma forma de configurar a memória histórica de um local. Nesse processo, a atualização de datas celebradoras permite que o passado se torne presente, o que implica, muitas vezes, na exclusão do passado considerado inconveniente:

Isso explica a dificuldade das mídias em dar conta do passado e em imaginar o futuro. As mídias nunca podem garantir que o que é relatado traga alguma marca de perenidade. O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito. Não raro fazem o que o meio chama de *perspectivação*, que não pode trazer, no entanto, explicações históricas. Assim sendo, pode-se dizer que o discurso de informação midiático tem um caráter fundamentalmente *a-histórico* (CHARAUDEAU, 2007, p. 134).

Ao narrar um acontecimento, o jornalista está colocado num mirante temporal específico, num determinado presente. Rezam os manuais da profissão que é preciso que o percurso até esse presente seja contextualizado, mesmo que na forma de boxes, suítes ou, no caso da mídia digital, hiperlinks. Por mais que o passado não seja de vital competência para uma profissão que prima pelo imediatismo, informar a sociedade sobre a composição do seu passado histórico continua sendo um pilar importante do jornalismo.

Nos jornais *Folha de Boa Vista* e *Brasil Norte*, o silenciamento ocorreu em relação à história da Orla Taumanan, construída sobre o Porto do Cimento. Resta-nos perguntar o porquê desse silêncio. Exalta-se a condição da Orla Taumanan – mas apenas a Orla na condição de instrumento de modernidade na cidade é apresentada no texto. Nesse sentido a leitura deste artigo enfocou o olhar histórico, as características de preservação e reconstrução da memória histórica no discurso dos jornais, e o que o jornalismo cultural local efetivamente produziu para dar um ar modernizante a um dos lugares mais

tradicionais de Boa Vista. Na Tabela 1 são apresentadas em ordem cronológica as notícias relacionadas à Orla Taumanan publicadas pelo Jornal *Folha de Boa Vista* nesse período.

TABELA 1: Apresentação de notícias relacionadas à Orla Taumanan no Jornal *Folha de Boa Vista* por ordem cronológica

FOLHA DE BOA VISTA – JULHO/2004				
Dia da publicação	Página	Seção	Tipo	Título
01	11	Informe Publicitário	Notícia	Prefeitura inaugura Orla Taumanan
01	11	Informe Publicitário	Foto	<i>Legenda:</i> com vista privilegiada para o Rio Branco, a população ganha nova opção de lazer e Boa Vista reforça sua vocação para o turismo.
02	08	Social	Nota	Inauguração
05	09	Social	Nota	Inauguração
05	09	Social	Nota	Acesso
05	09	Social	Nota	Banheiros
06	01	Capa	Chamada	Orla do Rio Branco recebe mil visitantes diariamente
06	01	Capa	Foto	<i>Legenda:</i> A orla se tornou o ponto turístico mais movimentado de Boa Vista
06	06	Cidade	Notícia	Mil pessoas passam ao dia pela orla
06	06	Cidade	Foto	<i>Legenda:</i> A orla foi inaugurada na sexta-feira passada, quando recebeu 5 mil visitantes
07	02	Painel	Coluna	Morte anunciada. “...E ainda temos muito pela frente”
09	01	Capa	Foto	<i>Legenda:</i> Boa Vista do passado: a partir daqui nasceu Boa Vista no século passado
09	01	Capa	Foto	<i>Legenda:</i> Boa Vista do presente: Orla do rio Branco representa o passo para o futuro
09	05	História	Reportagem	Como Boa Vista nasceu há 114 anos
09	06	História	Foto	<i>Legenda:</i> Neste local, onde hoje é a Orla do Rio Branco, chegavam as embarcações
09	10	História	Reportagem	Historiador vê futuro com otimismo
09	10	Variedades	Agenda Folha	<i>Em:</i> Boa Vista revela suas novas faces
09	11	Social	Nota	9 de julho
09	12	Cidade	Reportagem	Jaber Xaud explica como surgiu a

				data
09	12	Cidade	Foto	<i>Legenda:</i> Xaud reclama que projeto da orla não respeitou a história do porto
18	09	Social	Nota	Orla
20	09	Social	Nota	Em baixa
22	04	Política	Notícia	Prefeitura anuncia construção de sanitários na Orla do rio Branco
24 e 25	09	Social	Nota	Em alta
28	09	Social	Nota	Shakai

Autoria: Francisco Guimarães Costa Junior

A pesquisa no jornal *Folha de Boa Vista* demonstrou o seguinte resultado: um total de vinte e seis referências à Orla, distribuídas em três notícias, três reportagens, nove notas, oito fotos, uma chamada, uma coluna e uma matéria de variedades (agenda). A pesquisa com o jornal *Brasil Norte* apresentou uma visível diferença em relação ao resultado encontrado no jornal *Folha de Boa Vista*. Houve uma diminuição na variedade dos tipos de textos e uma dilatação no número de notas presentes nas edições, visto que foram identificadas duas autoras na Coluna Social do referido veículo. A pesquisa no jornal *Brasil Norte* mostrou o seguinte resultado: vinte referências à Orla distribuídas em três notícias, treze notas, duas fotos, uma coluna e uma chamada. Ao fim da coleta de material empírico, somando os dois jornais, foram detectadas 46 referências à Orla Taumanan no período de 01 a 31 de Julho de 2004. Os resultados da pesquisa indicaram que, em ambos os veículos, há um predomínio dessas menções em notas nas seções de agenda cultural e eventos (22 textos no total), sendo que o número é bem maior no jornal *Brasil Norte*.

Dentre outras seções mais comuns, foram localizadas seis notícias, dez fotos, duas chamadas e duas colunas de opinião. Somente a *Folha de Boa Vista* apresentou reportagens sobre a Orla Taumanan no período – três no total. Houve, portanto, uma clara limitação do jornalismo cultural a uma apresentação genérica de eventos. O frenesi gerado pela transformação de uma área da cidade, considerada degradada, em um símbolo de modernidade pareceu tornar indiferente aos jornalistas (que se apresentaram como narradores dos fatos) a questão da destruição de um marco do patrimônio cultural.

As notas sobre a Orla Taumanan publicadas pelo jornal da *Folha de Boa Vista* estão, geralmente, situadas na página 09 de suas edições, na seção Coluna Social. A primeira delas foi feita logo na segunda edição do mês de julho de 2004, intitulada

“Inauguração”. As três seguintes foram no dia 05, segunda-feira, após o fim de semana de inauguração da Orla. Um deles se chamou novamente “Inauguração” e os outros “Acesso” e “Banheiros”.

As notas apenas citam a inauguração como evento social. A nota “Acesso” traz uma colocação curiosa: a colunista diz que o Rio Branco era “restrito a *poucos privilegiados*” (grifo do autor). Trata-se de um notório enaltecimento à obra, somada a uma crítica velada à condição anterior, quando o local se chamava apenas Porto do Cimento, e seu acesso era restrito aos “privilegiados”, quer dizer, aos pescadores e ribeirinhos. Esta é a única vez em que aparece uma comparação indireta entre aquilo que podemos intitular os períodos pré e pós inauguração da obra.

Segundo Shirley Rodrigues, jornalista da coluna Social da *Folha de Boa Vista* há quase 28 anos, em entrevista concedida ao autor em 16 de agosto de 2016, o termo “poucos privilegiados” se referia a moradores que possuíam residências que, por estarem dispostas frontalmente à direção de suas respectivas ruas, obstruíam o acesso ao rio (RODRIGUES, 2016). No caso, as casas localizadas no início das ruas Barão do Rio Branco (Centro), Juscelino Kubitschek (Bairro São Pedro) e à Rua do Iate (Bairro Caçari). Ou seja, a crítica em verdade dizia respeito à falta de “democratização” do acesso ao Rio Branco.

Ambos jornais fizeram críticas leves à obra em suas respectivas colunas sociais. O *Brasil Norte* apontou, por duas vezes, a questão da iluminação local como mostram as notas “Pier” e “Iluminação”. Já a *Folha de Boa Vista* trouxe o texto “Banheiros” como uma reclamação sobre a execução da obra. Os outros pequenos textos, em ambos os jornais, apenas citaram a Orla Taumanan como ambiente de eventos culturais ou anunciaram os restaurantes e similares que passaram a estar disponíveis no local. A maioria dos textos foi bastante favorável à construção da Orla. Não foi assim detectada nenhuma menção ao histórico do povoamento do rio, à construção do Porto, ou mesmo ao patrimônio cultural erodido. Evidentemente, isso constitui uma limitação na construção das narrativas jornalísticas, sobretudo se considerarmos a compreensão de cultura e de “jornalismo cultural”, conforme sugerido por Daniel Piza (2003).

3. As matérias sobre o Porto do Cimento

As matérias jornalísticas coletadas no período se convergem quanto ao tratamento da inauguração da obra e à necessidade de banheiros no local – os dois jornais abordaram

essas questões. Em geral, os veículos elogiaram o píer, enfatizando sua potencial geração de renda e o fomento ao turismo roraimense.

Os textos das matérias publicados pelos jornais são praticamente idênticos, indicando que o material foi (possivelmente) produzido pela assessoria de imprensa da administração do município e enviado a ambos os veículos para aproveitamento. As diferenças constatadas estão apenas no início e final das matérias. A *Folha de Boa Vista*, por exemplo, acrescentou a designação “Informe Publicitário” e o subtítulo “Frentes de Trabalho”. O texto principal, porém, é idêntico e está exposto abaixo:

Além de tornar Boa Vista mais bela e acolhedora, o Projeto Orla terá impacto positivo na economia, criando novas frentes de trabalho ligadas diretamente ao turismo e à prestação de serviços. “A Orla Taumanan vai ampliar a convivência da população com o Rio Branco, além de representar novo e importante investimento para viabilizar o turismo como atividade econômica”, afirma a prefeita Teresa Jucá. (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, edição de 01 de julho de 2004, p. 02)

Existe por parte da prefeitura um direcionamento acerca da forma de divulgação da intervenção Orla Taumanan, visto que nenhuma das notícias são autênticas e produzidas de forma independente pela imprensa local. O que sabemos pelo material é que a variedade culinária dos quiosques tornaria a Orla e a Cidade “mais bela e acolhedora” e geraria impacto positivo na economia. Ou seja, não houve uma tradução da construção da Orla Taumanan e da supressão do Porto de Cimento na forma de jornalismo cultural. A orientação, neste caso, foi vertical, dada pelas instituições, conforme os releases produzidos pelas assessorias.

As matérias assinadas pelos repórteres dos veículos também não fogem à regra. No dia 06 de julho de 2004 novamente os dois jornais publicaram um mesmo texto em matérias aparentemente distintas. Nos subtítulos “PROJEETO” (*sic*), da *Folha de Boa Vista*, e “Área construída”, do *Brasil Norte*, a única diferença é a frase inicial do texto da *Folha*, ausente no texto veiculado pelo *Brasil Norte*. A natureza dos textos é a mesma: a propaganda.

A maioria dos textos relativos à Orla Taumanan tratam a obra de forma positiva. Entretanto, o jornal *Brasil Norte* possui alguns apontamentos contrários à construção. Apontamentos que, contudo, também não levam em conta a destruição do patrimônio histórico local, nem mencionam o Porto de Cimento. Em notas da coluna Sociedade, a jornalista Daniele Mallet fala sobre a iluminação local:

Já falei aqui uma vez e vou repetir como uma opinião construtiva. O projeto Orla está um luxo, bonito, bem feito, mas para ficar melhor precisa de iluminação. Seria

maravilhoso se os frequentadores pudessem ver o Rio Branco durante a noite com refletores apontando para a outra margem. O visual ficaria ainda mais deslumbrante (JORNAL *BRASIL NORTE*, edição de 04/07/2004, p. 1-B).

Como a própria colunista apresentou na nota do dia 13 de julho, a crítica apresentada é uma “opinião construtiva”. A colocação do texto corrobora essa ideia. Não há qualquer adjetivação negativa relacionada ao projeto, mas dicas sobre o que pode ser feito para melhorar o ambiente. O uso do futuro do pretérito – “seria” e “ficaria” – mostra um direcionamento quanto a isso. As notas também informam expressamente que a Orla “precisa de iluminação”. Portanto, as críticas são amenas e, de fato, construtivas. O mesmo não se pode dizer do texto “Acanhadinho”, do dia 06 de julho de 2004. Nele, o colunista Expedito Perônnico não apenas critica, mas ridiculariza a Orla:

A tão festejada Orla do Rio Branco está muito a quem (sic.) do que foi anunciado. Publicidade de mais para obra de menos. Uma dúzia de pequenos botequins e nada mais. Pior, quem quiser fazer suas necessidades fisiológicas terá que se socorrer das margens do Rio. Porque banheiros não tem não (JORNAL *BRASIL NORTE*, edição de 06/07/2004, p. 05).

Ao comparar a publicidade construída pela Prefeitura Municipal de Boa Vista com a suposta realidade e ao explicar o apontamento e reclamar do número de estabelecimentos, mais uma vez o jornal critica a ausência de banheiros na Orla, desta vez utilizando o sarcasmo. Ao contrário dos textos de Danielle Mallet, não há críticas construtivas, apenas pareceres que visam desqualificar a obra.

Na *Folha de Boa Vista*, houve pelo menos duas críticas à construção da Orla no período analisado. A primeira delas é indireta e bem subliminar, contida no primeiro parágrafo do texto “*Morte anunciada. (...) E ainda temos muito pela frente*”, de Joel Maduro, que critica outro evento: a drenagem do Igarapé Grande no Bairro Centenário.

Terminou a tão festejada semana do meio ambiente capitalizada num frenesi político pela Prefeitura de Boa Vista e logo se vê o anúncio publicitário de um conjunto de obras a cargo da ajardinada administração da prefeita Teresa Surita Jucá. Como tudo por lá é cinematográfico, mais um filme será exibido da tela boa-vistense parecida com o longa metragem, Vila Olímpica e Orla do Rio Branco (*FOLHA DE BOA VISTA*, edição de 07/07/2004, p. 02).

Essa introdução ainda não menciona o alvo da reclamação do autor (a drenagem do Igarapé Grande), mas antecipa que os parágrafos seguintes se referem a um “anúncio publicitário” da administração da então prefeita Teresa Surita Jucá. Ao sugerir que se trata de mais um filme a ser passado na tela boa-vistense, ele compara com duas obras da

administração da época: a Vila Olímpica e a Orla do Rio Branco. Em outras palavras, a Orla Taumanan é, indiretamente, classificada como cinematográfica pelo autor do texto. Apesar de o apelo ser de cunho ambiental, Maduro critica a política da administração, especialmente no que tange às duas obras acima mencionadas.

Outra crítica que aparece no material coletado é a única que diz respeito ao impacto da construção da Orla Taumanan no berço histórico da cidade. A matéria foi publicada na edição de 09 de julho de 2004 por Vaneza Targino, baseada na entrevista com o radialista Jaber Xaud (falecido em 18 de dezembro de 2010) no jornal *Folha de Boa Vista*. Ao falar do aniversário de Boa Vista, o radialista lamenta o fato de o projeto ter coberto o Porto de Cimento e suplantado mais um pedaço da história de Boa Vista:

Uma coisa que me surpreendeu foi o trabalho lindo da Orla do rio Branco. Mas, ficou um pecado na história de Boa Vista. Ninguém se lembrou que no começo daquela orla foi o primeiro porto de Boa Vista. Então, deveria ter havido a preocupação de dizer ao engenheiro para preservar o local e fazer o cais do porto, para deixar como memória para os que vierem. Digo isso porque ali soltaram os primeiros imigrantes que vieram para Boa Vista, assim como o primeiro governador. A construção cobriu o local que era o porto. Lá se abafou mais um pedaço da história de Boa Vista (JORNAL *FOLHA DE BOA VISTA*, edição de 09 de julho de 2004, p. 12).

Com estas palavras, além das fotos ilustrativas de divulgação, esta edição da *Folha de Boa Vista* apresenta, pela primeira vez, a existência de um Porto anterior à construção da Orla Taumanan. Quanto à natureza das críticas, podemos dividi-la de três formas: estruturais, por causa da falta de banheiros; políticas, pela suposta publicidade da máquina pública municipal; e patrimonial, pelo impacto no berço histórico da cidade. Somando o número de textos correspondentes a essa classificação (excluindo as legendas das fotos), temos duas notas, uma coluna de opinião e uma reportagem. Ou seja, apenas 4 textos, entre os 36 publicados, trazem críticas a realização do empreendimento. Isso representa 11% de todas as menções textuais relacionadas à Orla, publicadas pela imprensa local, ocorridas no mês de julho de 2004.

Com isso fica evidente que a relação estabelecida entre a imprensa, o poder público municipal e a intervenção da Orla Taumanan foi de cumplicidade, sempre destacando os benefícios da relativa modernização da cidade. Na maioria das vezes em que a obra é citada, fala-se sobre o local como palco de atrações musicais, cenário turístico e como praça de alimentação. As colunistas sociais Shirley Rodrigues e Daniele Mallet foram

as jornalistas que mais citaram a Orla Taumanan nos jornais impressos de Boa Vista nesse período, devido à novidade que ela representava.

Considerações finais

O jornal *Folha de Boa Vista* foi o único que mostrou que havia um Porto no local onde foi construída a Orla Taumanan. Porém, como visto anteriormente, o termo *Porto do Cimento* jamais foi empregado para designar o local histórico. Nem mesmo nas legendas das três fotos históricas publicadas pela *Folha de Boa Vista* em 09 de Julho de 2004. Na apresentação da primeira destas fotos, ao afirmar que “a partir daqui Boa Vista nasceu no século passado”, a legenda não menciona o Porto. Como se trata de uma imagem que está na chamada da capa, pode ser relevado, pois a chamada não requer aprofundamento de conteúdo. Na segunda imagem, a legenda “Xaud reclama que projeto da orla não respeitou a história do porto”, condiz com a matéria criada a partir da entrevista com o radialista Jaber Xaud. Em sua fala ele sugere, pela primeira vez, a necessidade de preservação do local. Um texto em outra página, intitulado *Como Boa Vista nasceu há 114 anos* da edição de 9 de julho, apresenta no quarto e quinto parágrafos, uma tentativa de reconstruir um pouco as origens do local:

O centro histórico está localizado às margens do rio Branco, o qual representa o nascimento da cidade de Boa Vista, em 1830. Nele está localizada a primeira igreja, marco da fé daqueles que povoaram a região. Ao lado da Igreja Matriz encontrava-se a sede da fazenda que deu origem à cidade, onde é o Meu Cantinho. Atualmente foi inaugurada a Orla do Rio Branco, exatamente no local aonde chegavam as primeiras embarcações (JORNAL FOLHA DE BOA VISTA, edição de 09 de julho de 2004, p. 05).

Percebe-se que a abordagem relacionada ao Porto é bem superficial e que há uma recusa semântica em reconhecê-lo como Porto do Cimento. Por mais que a história seja didaticamente explicada no texto, o Porto é citado, basicamente, como “um local onde hoje é a Orla”. Mesmo quando se fala que é “onde as embarcações chegavam”, a história do Porto não é aprofundada. Se, mesmo sem mencionar plenamente a importância do Porto, o jornal ainda explica que no lugar chegavam embarcações, ele ratifica a ausência do local como meio de chegada a Boa Vista, por meio do silenciamento no discurso jornalístico. Numa dessas matérias especiais sobre o aniversário de Boa Vista foi identificado um diagrama que sugere essa conclusão. Ele mostra como o jornal ignora por completo a história do Porto do Cimento:

Quem quer vir a Boa Vista por terra tem apenas duas rotas. Uma delas é pela BR-174, completamente asfaltada, ao sul pelo Amazonas ou ao norte pela Venezuela. Chega-se também pela BR-401, a nordeste, através da República Cooperativa da Guiana. Quem quer chegar via área (*sic*) pode ser por Manaus, via Varig, Meta ou Rico, ou por Georgetown, Capital da Guiana, via Meta. (JORNAL *FOLHA DE BOA VISTA*, edição de 09 de julho de 2004, p. 05)

O texto do diagrama só mostra dois meios de chegar a Boa Vista: via terrestre ou aérea. Já que, supostamente, não há mais meio fluvial para se chegar à capital roraimense. No discurso do jornal o berço histórico da cidade (o Porto do Cimento) passou a não mais existir. Ao ocultar essa passagem, deixando essa questão em branco, o jornal faz mais que não mencionar que o Porto do Cimento existiu: ele inativa a memória social de que existiram (e ainda existem) meios fluviais para se viajar e chegar a Boa Vista e/ou qualquer lugar que seja.

Esse silenciamento geral (sobre viagens pelo rio) torna o silenciamento específico (sobre o Porto do Cimento) ainda mais eficaz. Afinal, como lembrar que existiu um Porto em Boa Vista, se o leitor sequer lembra que é possível viajar pelo Rio Branco? Quanto ao jornal *Brasil Norte*, não há menção ao Porto porque, também, não houve reportagens sobre a história de Boa Vista, como aconteceu na *Folha*. As matérias sobre a Orla nesse veículo se ativeram principalmente às notícias, notas e fotos.

A jornalista Daniele Albuquerque, em entrevista ao autor em 15 de agosto de 2016, explica que, na época da inauguração, não havia se atentado ao fato de o jornalismo não ter explicado para a população os antecedentes históricos da Orla Taumanan:

Aquela área é uma área histórica. Inclusive, casa da Petita [*Brasil*], que é ali, ao lado da Orla Taumanan, é uma das primeiras casas daqui de Boa Vista. Se você entrar lá você vai ver a coisa belíssima que é lá dentro, que ainda é conservada e precisava de restauração. (...) Então, eu acho que realmente pode ter sido uma falha nossa de não ter falado do que existia ali, as coisas que foram ou não preservadas. Realmente, faltou esse olhar histórico na cobertura (ALBUQUERQUE, 2016).

Os dois jornais não demonstraram assim interesse em contar a história anterior à Orla. Apenas a trataram com a urgência da novidade jornalística. Compraram a versão oficial e retrataram o local como palco de eventos e como a expressão de uma modernização inevitável, realizada sobre ruínas amorfas e talvez inúteis.

Conforme exploramos ao longo deste texto, a ideia de jornalismo implica a configuração de conhecimentos (também) sobre o passado que permitam ao habitante da cidade pensar o seu patrimônio. Nesse sentido, seria preciso uma contextualização para

expor o passado à memória da população, impedindo que um dado patrimonial importante como o Porto do Cimento e sua história fossem simplesmente perdidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Daniele. **Entrevista** [ago. 2016]. Entrevistador: Francisco Guimarães Costa Júnior. Boa Vista. 2016.

BRASIL, Luiza Carmen. **Entrevista** [ago. 2016]. Entrevistador: Francisco Guimarães Costa Júnior. Boa Vista. 2016.

BRITO, Maurício; VALLADARES, Cunha. **Entre a natureza e o artifício: percepções e perspectivas nos projetos para parques urbanos e orlas fluviais na Amazônia**. R. B. Estudos Urbanos e Regionais. V. 11, N 1. 2009. Disponível em <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/211/195>>. Acesso em 06 de junho de 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

JORNAL BRASIL NORTE. Boa Vista. Editora Boa Vista. Edições de julho de 2004.

JORNAL FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista. Editora Boa Vista. Edições de julho de 2004.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes, 2000.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINHEIRO, Henrique Soares. **Mensagem subliminar na teoria do negócio jurídico**. 2009.

Disponível em

<<https://aplicacao.mpmg.mp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/562/R%20DJ15%20mensagem%20subliminar%20-%20henrique.pdf?sequence=1>>. Acesso em 29/08/2016.

RODRIGUES, Shirley. **Entrevista** [ago. 2016]. Entrevistador: Francisco Guimarães Costa Júnior. Boa Vista. 2016.

SIQUEIRA, Clotilde. **Entrevista** [ago. 2016]. Entrevistador: Francisco Guimarães Costa Júnior. Boa Vista. 2016.